

Missões autóctones na África; desafios metodológicos para um estudo sobre Hendrik Witbooi

Marion Brepohl

Universidade Federal do Paraná

Bolsista do CNPq

Esta comunicação é parte de um projeto mais amplo, que visa o estudo do missionarismo na África com ênfase para o caso da Namíbia. O projeto, iniciado em 2016, ainda aguarda o delineamento da metodologia, cujas dúvidas e hipóteses procurarei expor ao debate neste simpósio. As perguntas que formulo são como que provocações à maioria dos estudos dedicados à intersecção missionarismo e imperialismo.

Meu objeto privilegiado é Hendrik Witbooi (1830-1905), conhecido como herói nacional da Namíbia independente. Claro está que ele não foi um herói nacional, pois que a Namíbia nem existia à sua época, mas pertenceu a um grupo de homens e mulheres que combateram as tropas do império alemão, oriundos de diversos grupos sociais, desde 1888 até 1905, momento em que ocorreu o genocídio do povo herero. Seu protagonismo como chefe dos namas e seus discursos anti-imperialistas são razoavelmente difundidos; todavia, a orientação religiosa que motivou suas ações raramente é mencionada.¹ Cristão convertido, fundou uma congregação e valeu-se da Bíblia para agregar resistentes; em sua biografia, consta que foi discipulado pelo missionário alemão Hendrik Olpp, porém, sua principal influência adveio de Shepherd Stuurmann, do movimento etíope pró-independência da África.²

O fator religioso chamou minha atenção; como o cristianismo revestido de uma cosmovisão eurocêntrica, colaborou para a formação de um rebelde? De que cristianismo estamos tratando? Basta concluir que se tratou do uso político de uma religião estrangeira? Era ela efetivamente estrangeira? As páginas que se seguem visam lançar hipóteses sobre um possível conexão entre autoctonia, autonomia e resistência ao poder colonial.

¹ Sobre a atuação de Witbooi na resistência ao colonialismo, ver: BREPOHL, 2015.

² Sobre Stuurmann, ver: DEDERING, 1999.

Missão: Entre teologia e política

Primeiramente, gostaria de discutir, problematizar, colocar em questão a os estudos de caráter secular e acadêmico, segundo os quais o ato missionário é visto como um efeito secundário da dominação, logo, talvez, nem fosse preciso estudá-lo.

Segundo tais tendências, são estas as motivações que levariam ao projeto missionário: a) o motivo imperialista (tornar os “nativos” sujeitos dóceis de autoridades coloniais; b) o motivo cultural (missão como a transferência da cultura “superior” do missionário); c) o motivo romântico (o desejo de ir a países e povos distantes e exóticos); e, d) o motivo do colonialismo eclesiástico (o anseio de exportar uma determinada confissão e ordem eclesiástica a outros territórios) (BOSCH, 2009, p. 21). Ou seja, o missionarismo é considerado como parte integrante da estratégia de domesticação do nativo, com vistas a prepará-lo para um modelo de conduta servil; portanto, o missionário não seria outro que não um instrumento de disciplinarização e de desqualificação da cultura nativa.

Todavia, estudos mais recentes têm colocado em questão o caráter unilateral do ato missionário; cito apenas dois exemplos: os estudos do historiador camaronês Samuel Johnson, que coloca em questão as interpretações centradas em motivações imperialistas a partir de perguntas aparentemente muito singelas, mas capazes de reverter nossas certezas: afinal, quem aceitou e quem não aceitou a mensagem do Evangelho, e se aceitou, seria isto tão somente o resultado de manipulação, aceita em virtude da ingenuidade do nativo? Para o autor, quando se correlaciona cristianismo e imperialismo como pares indissolúveis, não se pergunta quem aceitou e quem não aceitou a mensagem, tampouco quais as razões tanto num caso como no outro (2012). E os estudos de Jaap van Slageren que ressalta, por sua vez, que muitos estudos pós-coloniais, em suas generalizações críticas sobre o eurocentrismo, não levam em conta o grupo de missionários nativos, formados pelos cristãos autóctones (2015).

Meu estudo parte destas provocações. As perguntas *por que alguns nativos aceitaram ou não aceitaram a mensagem, e, o que aconteceu para que nativos não só se convertessem como se tornassem ainda missionários?* Trazem em seu bojo outra

pergunta: qual o papel da evangelização no processo de resistência e emancipação das colônias? E uma outra ponderação: não estaremos, ao desqualificar a conversão como sinônimo de dominação, desautorizando uma experiência cultural?

Em artigos e livros escritos por teólogos e historiadores da missão do meio clerical (na maioria das vezes, escritos desprezados pela literatura acadêmica),³ os quais estou usando como fonte, encontro um conjunto de informações que nos dão conta de realizar distinções entre os empreendimentos resultantes de missões independentes e os de missões orientadas pelo imperialismo eclesiástico.

Difícil dicotomia e mais difícil ainda demarcar cronologicamente uma e outra tendência, pois ao longo do tempo, coexistiram missões que se vincularam aos interesses dos nativos e aquelas comprometidas com o colonialismo. Mas é necessário constatar que as missões autóctones derivaram das primeiras missões protestantes que se instalaram na África Subsaariana, com objetivos preestabelecidos, ainda que não necessariamente portadoras de um projeto político.

Apenas à guisa de ilustração, tomemos os exemplos sintetizados no quadro que se segue:

Principais missões pioneiras estabelecidas na África Subsaariana

Data/Patrocínio	Iniciativa	Região de destino
1732 – <i>Missão Moraviana de Berthelsdorf</i> Patrocínio do Conde de Zinzendorf	Moravianos - enviados para pregar o evangelho a povos tais como os negros, hotentotes, esquimós, índios americanos, circassianos, <i>ngansans</i>	África Subsaariana Américas Groenlândia Rússia Asiática
1793 - <i>London Missionary Society (LMS)</i>	Missionários de diversas origens confessionais - Defenderam a igualdade entre todas as pessoas perante Deus. Auxiliavam a fuga de escravos aprisionados pelo tráfico e realizaram propaganda abolicionista	Diversos territórios da África.
<i>Baptist Missionary Society</i> , derivada da LMS, finais do século XVIII	Willian Carey e seus discípulos - Realizaram missão entre escravos fugitivos do tráfico e libertos que migraram dos Estados Unidos para a África	Camarões e outras. O fundador da Missão, Carey serviu primeiramente na Índia

³ As poucas pesquisas com esta literatura se devem também à falta de intercâmbio entre instituições laicas e religiosas. Por exemplo, na França, o sistema integrado de bibliotecas do país não inclui bibliotecas e arquivos de natureza confessional.

<i>Missão holandesa</i> 1797	Johannes Van der Kemp - Com o auxílio da LMS, criou pontos de missão em diversas regiões. Sua defesa da igualdade racial levou-o a ser expulso da região pelos boeres. Ordenou nativos como missionários	Cidade do Cabo.
<i>LMS e Missão da Renânia</i> , 1811	Heinrich Schmelen - Criou um ponto de pregação em Nama. Mais tarde, associou-se à Missão da Renânia, Alemanha	Namíbia
<i>Missão anglicana</i> , 1843	Samuel Adjai Crowther - Capturado diversas vezes como escravo fugitivo, converteu-se ao cristianismo e filiou-se à causa abolicionista. Foi o primeiro bispo anglicano negro, após realizar doutorado na Inglaterra	Nigéria e e Serra Leoa
<i>Missão da Jamaica</i> , iniciativa autônoma, sob o apoio da BMS, 1855	John Merrick, nascido na Jamaica, traduziu parte da Bíblia para o yoruba, idioma local. Através desta missão, foi ordenado pastor, em 1855, o nativo Horton Johnson, que também realizou traduções do livro sagrado	Serra Leoa, Camarões. Esta região era destinada a receber negros libertos dos EUA
<i>Missões americanas metodistas</i> , 1866	William Taylor – Sua campanha missionária foi uma das mais exitosas e serviu de modelo para muitas outras Modelo: implantação de igrejas autóctones segundo o modelo paulino	África do Sul
<i>Missões americanas metodistas</i> , 1885	Héli de Chatelain, - Missionário em Angola por 10 anos, fundou, em 1895, nos Estados Unidos, a Liga Filo-africana, para proteger os escravos fugitivos	Angola

Os exemplos de missões não coloniais acima citadas surgiram do impulso dos diversos movimentos conhecidos como “despertares” (*revival*), cujo fruto foi a organização de movimentos religiosos dedicados à evangelização no interior e no exterior do mundo protestante. Tratou-se de um movimento de base que, com poucos recursos, enviava missionários a diversas localidades do mundo. Já as missões coloniais eram auxiliadas ou mesmo patrocinadas pelos agentes do governo ou das empresas comerciais.

Esta divisão coincide com a periodização proposta por Jean François Zorn: a primeira fase (que engloba o final do XVIII), denominada como pré-colonial, e a segunda fase, que passa a contar com a presença dos agentes coloniais. Na primeira, não é o alto clero ou as instituições que se ocupam da África e de outras regiões em ultramar, mas movimentos de base de caráter interconfessional e internacional, ainda que ancorados em experiências religiosas locais ou melhor, comunitárias (2015, p. 21-22). Para os pioneiros, o *leit motiv* era *self government*, *self supporting*, *self propagating*. Vale dizer, plantar igrejas para depois emancipá-las do clero estrangeiro, dotá-las da principal arma da

evangelização, a Bíblia no idioma local, e ordenar ministros e auxiliares autóctones que propiciassem uma organização autossustentável.

A segunda fase, denominada de período colonial, é inaugurada com a Conferência de Berlim, em 1885, compreendida como os anos de chumbo das missões (ZORN, 2015, p. 25). Sim, porque o projeto colonial não assujeitou apenas o nativo, mas, ao oferecer ajuda às missões, assujeitou também os missionários. Naquele momento, dentre as diversas restrições que condicionavam o apoio logístico e financeiro às missões, constava a proibição explícita ou implícita à ordenação de nativos, proibindo-se também a substituição de europeus por nativos em quaisquer cargos relacionados à missão; com isto, as propostas de autonomia foram dificultadas ou mesmo eliminadas da agenda.

Minha comunicação se refere à primeira fase, ou mais precisamente, às missões não coloniais, independentemente da data de sua criação. Os missionários enviados por estas iniciativas, embora eurocêntricos e detratores das religiões nativas, enxergavam um outro outro em seu território de atuação, igualmente adversário do cristianismo, mais perverso do que a idolatria, um “odioso inimigo” para os arautos da Palavra: os traficantes de escravos.

Outro inimigo do cristianismo que também foi trazido pelos europeus, segundo o depoimento dos missionários pioneiros: o álcool. A bebida era, inclusive, moeda de troca no comércio de escravos entre os chefes locais e os europeus, e entre chefes locais, que também praticavam a escravidão. A estratégia consistia em presentear os chefes com bebidas alcoólicas até transformá-los em dependentes, quando então, em troca da bebida, colaboravam com o tráfico.

Devido a estas críticas, os missionários se colocavam entre os nativos e os agentes comerciais, defendendo aqueles e emprestando-lhes seus conhecimentos para enfrentar a exploração econômica e a dominação política. Assim procedendo, as missões podem ser vistas como um lugar de negociação, entre nativos e missionários, entre nativos, missionários e governos (locais e da metrópole), entre nativos e nativos, entre missionários e missionários (MALU, 2015, p.75-95). Tratava-se de diferentes e emaranhados poderes que envolviam todos os agentes, sendo o missionário o mais alvejado e vulnerável.

Outra questão que nos permite problematizar ainda mais as certezas sobre o ato

missionário como unilateral: segundo o antropólogo Horton, a aporia monoteísmo versus politeísmo precisa ser revista. Para ele, a crença num Deus único já estava presente nos sistemas religiosos africanos. Como no cristianismo, Deus é concebido como uma pessoa, a quem se subordinam todos os acontecimentos. Esta crença se relaciona às coisas últimas, ou ao macrocosmo. Num segundo nível, conforme Horton, encontram-se os espíritos, de importância secundária, com poderes menos decisivos, mas que explicam, controlam e predizem os fatos cotidianos, tais como os infortúnios e bênçãos, ou seja, no microcosmo (HORTON, 1975, p. 94-95).

Esta estrutura dual da cosmologia não nos parece adversa ao cristianismo. Afinal, entre os católicos, a crença num Deus único não invalida a força curadora e consoladora dos santos, principalmente a de Maria; no protestantismo, o Deus único não poupa os crentes dos ataques dos demônios, que perturbam suas vidas cotidianas. Assim também as cosmogonias identificáveis entre diversas culturas africanas, possuem uma divindade vinculada ao macrocosmo e outras, ao microcosmo.

Finalmente, a ordenação de nativos. A doutrina paulina, segundo os textos bíblicos, considerava imprescindível a plantação de igrejas que adquirissem autonomia em médio prazo. Plantar igrejas e manter-se como um desenraizado no local da pregação foi o exemplo maior que o Apóstolo deu aos missionários, exemplo que, obviamente, não dizia respeito a qualquer questão política, mas religiosa. No entanto, a apropriação da mensagem paulina cooperou sobremaneira para a formação de um clero autóctone.

Na tabela seguinte, podemos evidenciar a importância dos missionários nativos na pregação da palavra:

Tabela 2
AGENTES ENVOLVIDOS NO EMPREENDIMENTO MISSIONÁRIO
DAS PRINCIPAIS REGIÕES EMISSORAS – ÁFRICA, 1908

Regiões emissoras	Estados Unidos			Inglaterra			Países europeus continentais		
	Estrangeiros (ordenados e leigos)	Nativos Ordenados	Nativos não ordenados e leigos	Estrangeiros (ordenados e leigos)	Nativos Ordenados	Nativos não ordenados e leigos	Estrangeiros (ordenados e leigos)	Nativos ordenados	Nativos não ordenados e leigos
África do Norte Oriental (do Egito à Somália)	143	48	541	76	3	144	77	3	79
África do Norte Ocidental (de Trípoli ao Marrocos)	117	-	-	114	-	26	8	-	-
África Ocidental (do Senegal à Nigéria)	164	78	345	200	158	1426	135	23	405
África do Sudoeste (do Camarões à África do Sudoeste alemão)	175	65	832	166	1	708	304	2	609
África do Sul (União Britânica, Botsuana e Suazilândia)	151	146	892	221	41	1126	508	31	2282
África Austral (5 protetorados britânicos)	54	5	135	252	11	2012	39	-	13
África Oriental (britânica, inglesa e portuguesa)	30	6	131	286	56	2341	198	-	299
Madagascar e Maurícios	31	3	90	93	522	3478	145	151	1848
Total	865	351	2966	1408	792	11261	1414	210	5535
Distribuição percentual entre as 3 categorias	20,7%	8,4%	70,9%	10,4%	5,8%	83,6%	19,7%	2,9%	77,3%

Observação: São considerados missionários leigos os médicos (esta categoria, exclusiva para estrangeiros), os pregadores, professores, mulheres que ministram estudos bíblicos e outros. São considerados não ordenados quaisquer trabalhos dedicados ao empreendimento missionário, em especial, a pregação.

Fonte: *Statistical atlas of christian missions*. Edinburgh, World Missionary Conference, 1910. P. 63-90

A partir destes dados, constatamos que as missões que mais contam com missionários nativos leigos são as provenientes da Inglaterra; os que mais ordenam nativos, são as missões norte-americanas; e os que menos contam com missionários nativos, os países continentais. Mas em todos os casos, a presença de nativos deve ser observada, o que me leva a realizar as seguintes considerações, ainda que em caráter preliminar: tal atuação resultou num processo de cristianização de uma camada que se tornaria elite em suas respectivas regiões, pois nas missões protestantes, evangelizar sempre vinha de par com a alfabetização; a ênfase no trabalho disciplinado podia ser uma constante, porém como uma arma contra a escravidão; o combate ao álcool tinha, semelhantemente, um caráter moralizador, mas despertava a atenção contra estratégias de manipulação; e, a novidade mais importante: a difusão da Bíblia, em muitos casos, no idioma local, cujo conteúdo

associado à liberdade, igualdade entre os povos e ideais de fraternidade puderam se constituir em linguagem de resistência ao colonizador.

Para concluir este breve texto, apenas sugiro um novo olhar para a história dos movimentos religiosos, como por exemplo, o movimento etíope, que se inicia na África do Sul e adota este nome, não por um critério geográfico, mas em virtude da passagem de Atos dos Apóstolos 8:26-39, em que se menciona a conversão de um etíope que depois volta a sua terra natal para evangelizar o seu povo. Formado por dissidentes wesleyanos da Cidade do Cabo, que agregaram outros dissidentes e juntaram-se aos batistas norte-americanos, atribui-se a ele o principal motivador do movimento nacionalista pan-africano (NADIOKWERE, 1981).

Foi no interior deste movimento que se formou, por exemplo Shepherd, mais conhecido como Stuurmann, líder religioso que influenciou Hendrik Witbooi a se insurgir contra as tropas alemãs, e que se dizia enviado por Deus para libertar o seu povo (BREPOHL, 2015, p. 161-80).

Depois deste vieram outros, como é o caso de Hosea Kutako, também herói nacional na Namíbia, a partir de quem se edificou a Igreja Oruuano (Igreja da Comunhão), que existe até os dias de hoje. (BREPOHL, 2015, p. 161-80).

Outra, a comunidade do Kimbanguismo, fundada na República do Congo Belga, em 1921, assim designada por conta do nome de seu fundador, Simon Kimbangu. Um de seus dizeres era de que “um dia o preto ia virar branco e o branco ia virar preto”, alusão de que os negros iam ser mestres e fazer leis. Seus líderes foram presos, alguns executados, mas a Igreja sobrevive, contando com mais de cinco milhões de adeptos em quase toda a África Subsaariana, mas também na Europa, (inclusive na Bélgica), nos Estados Unidos, Brasil e Canadá⁴.

E encerro com estes brevíssimos exemplos, que mereceriam, houvesse tempo para tanto, uma reflexão mais sólida. Dado o objetivo da comunicação, limito-me apenas a sugerir outras indagações, afora aquelas já consagradas pelo par missão/ imperialismo: a) os desdobramentos políticos das religiões conformistas *versus* as não conformistas; b) a

⁴ Sobre a história desta igreja, bem como seu reconhecimento pelo Conselho Mundial de Igrejas em 1969, ver : Uma breve história do Kimbanguismo. <http://kimbangu-21century.e-monsite.com/paginas/uma-breve-historia-do-kimbanguismo.html>

religião como instrumento de dominação ou como instrumento de libertação; c) as correlações entre autonomia, nacionalismo e emancipação.

Referências bibliográficas

- BOSCH, D. **Missão transformadora**. São Leopoldo: EST, Sinodal, 3. Edição, 2009.
- BREPOHL, M. Os pangermanistas na África: inclusão e exclusão dos nativos nos planos expansionistas do império, 1896-1914 . **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 33, n. 66, p. 13-29, 2013.
- BREPOHL, M. Entre navio e terra firme; missões e resistência ao domínio colonial; Namíbia, 1811-1906. In: RIBEIRO, A., GEBARA, A. & BERTHET, M. In: **Áfricas conectadas**. Niterói: Editora da UFF, 2015. p. 161-180.
- DEDERING, Tilman. The Prophet's 'War against Whites': Shepherd Stuurman in Namibia and South Africa, 1904-7 . **The Journal of African History** . Vol. 40, No. 1 (1999), pp. 1
- HORTON, R. African conversion. **Africa; Journal of the International African Institute**. London: v. XLI, n. 2, p. 85-108, 1971.
- JOHNSON, S. **La formation d 'une Église locale au Camerun; le cas des communautés baptistes (1841-1949)**. Paris: Karthala, 2012.
- MALU, F. N. La mission: lieu privilégié de négociation de l'autonomie et d'autochtonie. In: EYEZO 'O, S. & ZORN, J. F. **L'autonomie et l 'autochtonie des églises nées de la mission – XIX – XX siècles**. Paris: Karthala, 2015. p. 75-95.
- NDIOKWERE, N. I. **Prophecy and revolution; the role of prophets in the independent african churches and in biblical tradition**. London: SPCK, 1981.
- SLAGEREN, J. Les traces d'autochtonie dans l 'Eglise évangélique du Cameroun de ses origines à son autonomie. In: EYEZO 'O, S. & ZORN, J. F. **L'autonomie et l 'autochtonie des églises nées de la mission – XIX – XX siècles**. Paris: Karthala, 2015. p. 59-74.
- USTORF, W. Dörröschen oder die Missiongeschichte wird entdeckt. In: HEYDEN, U. & LIEBAU, H. (Hrsg). **Missiongeschichte, Kirchengeschichte und Weltgeschichte**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996. p. 12-25.
- ZORN, J. F. L'autonomie des Églises Protestantes d'Afrique a – t – elle constitué un modele pour l 'independence des États? In: EYEZO 'O, S. & ZORN, J. F. In: **L'autonomie et l'autochtonie des églises nées de la mission – XIX – XX siècles**. Paris: Karthala, 2015. p. 19-31.
- ZORN, J. F. **Le grand siècle d'une mission protestante; la mission de Paris de 1822 à 1914**. Paris: Karthala, 1993.